

Empresários acreditam no governo

ISABEL DIAS DE AGUIAR

A reunião promovida na manhã de sexta-feira pelo governo com cerca de 50 representantes dos setores industriais de alimentação e de produtos limpeza deixou os empresários entusiasmados. Para eles, foi a reafirmação de que o governo não pretende recorrer a medidas heterodoxas e que irá mesmo limitar seus gastos à receita. Os dirigentes das principais indústrias desses ramos de atividade saíram também do encontro com a sensação de que podem contribuir muito pouco para uma significativa queda da inflação, apesar de terem se comprometido a não aumentar seus preços a taxas acima da inflação. Os seus preços só deverão cair, em níveis reais, se o governo mostrar disposição em colaborar.

Essa foi a informação que procuraram deixar claro durante a reunião. Os custos financeiros cobrados pelas empresas estatais nas vendas a prazo são sempre os mais altos do mercado, segundo informaram aos ministros Eliseu Resende, da Fazenda, e José Eduardo Andrade Vieira, da Indústria, Comércio e Turismo. Enquanto as empresas do setor privado, mesmo líderes de mercado, embutem nos

seus preços taxas de juros em torno de 28%, nas vendas por prazo de 30 dias, as estatais cobram até 35%.

Além disso, de acordo com o que informaram durante a reunião, a cada Cr\$ 300,00 que cobram por seus produtos, Cr\$ 100,00 correspondem a despesas financeiras e outros Cr\$ 100,00 a impostos pagos ao longo do processo de produção.

Mercado — Essa mesma informação deverá ser ouvida pelos ministros da área econômica do governo esta semana, quando pretendem reunir os principais fornecedores das indústrias de alimentação e do setor de limpeza. “Quem determina o preço dos produtos agrícolas não são os agricultores e sim o mercado”, afirmou o presidente da Sociedade Rural Brasileira, Roberto Rodrigues.

Segundo Rodrigues, para derubar as cotações dos preços agrícolas a curto prazo é preciso reduzir impostos e taxas de juros. A longo prazo, o caminho para a queda dos preços passa pelo aumento da tecnologia e ganhos em produtividade. Essa recomendações já foram colocadas no papel e transmitidas ao ex-ministro da Fazenda, Paulo Haddad. Mais tarde o ministro Andrade Vieira, recebeu docu-

mento semelhante, que foi intitulado Programa de Segurança Alimentar. As propostas foram amplamente acatadas pelo governo federal, já que, estão expressas no plano de ação de governo, o Plano Itamar, mas, para Rodrigues, por enquanto, representam apenas um conjunto de boas intenções.

“Não há ainda nada de concreto e é preciso mobilizar os Estados para que reduzam o ICMS sobre os produtos da cesta básica”, afirmou Rodrigues ao se referir ao Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços. “Não tem mágica e não adianta fazer discurso”, acrescentou. A questão tecnológica, que é a única forma de o País aumentar a oferta de alimentos sem elevar os custos de produção, segundo o presidente da SRB, não está sendo cuidada adequadamente pelo governo. “Os institutos de pesquisa, especialmente, a Embrapa, estão sendo dilapidados por causa da escassez de recursos.”

“Se as taxas de juros para a comercialização dos produtos e os impostos fossem reduzidos, os preços dos alimentos poderiam cair 20% de uma só vez”, garante Rodrigues. Para ele, o agricultor pouco pode contribuir para a queda do custo da alimentação pois está comprimido entre grandes oligopólios, formados pelas indústrias de insumos agrícolas (defensivos e fertilizantes) e de alimentos.

Peso menor — Caso as indústrias de alimentos e de produtos de limpeza venham a atender o pedido do governo e passem a reduzir os preços nos níveis da inflação, ou abaixo disso, isso não deverá se refletir de forma significativa nos índices oficiais, segundo acreditam os empresários. O peso dos alimentos industrializados na cesta básica, medida pelo Índice Nacional dos Preços ao Consumidor (INPC), é de 3,98%, contra 6,01% dos produtos in natura, como as frutas, legumes, batata e cebola, e 12,56% dos semi-elaborados (carne, arroz e feijão). A participação dos produtos de limpeza no total da inflação também é modesta — 3%. O peso da cesta básica nos cálculos da inflação medida pela IBGE é de 22,57%.

Mesmo assim, o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Produtos de Limpeza (Abipla), José João Locozelli, considera importante a manutenção dos níveis dos reajustes dos preços do setor abaixo das taxas de inflação. “O impacto psicológico é grande porque sabão e detergente são produtos comprados com frequência pela população, que percebe rapidamente cada aumento.”

Mônica Zarattini/AE



Fator psicológico

Locozelli: é importante manter reajuste de preços de produtos de limpeza abaixo da inflação